ANO 6.º—N.º 269. Guimarãis, 4 de Abril de 1937. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O Destino é Mentira

«Il est peut-être vrai que notre âme, à mesure qu'elle s'élève, purifie le Destin».

Maeterlinck
in *«Sagesse et Destinée»*.

Alguém chamou ao destino tudo o que nos limita. Mas o destino tem um modo de ser impessoal e pouco nosso, que é a sua própria negação, por não podermos, responsàvelmente, atribuír-lhe o abismo despovoado de estrêlas, em que, às vezes, a nossa alma se enegrece.

Quem supôi o limite, admite o limítrofe e, assim, não seria o destino aquilo que culpamos pela nossa desgraça, ou não pararia nêle a contorsão do nosso desespêro. Qualquer coisa existiria, para além dêle, igual ou superior, que o limitasse e inferiorizasse. Dar a cada vida um destino próprio é aceitar, na nossa, outra vida, que a orienta e movimenta e nela influe, o que não repugna e até parece provável, mas que nos reduz à insignificância real de manumitidos em hordas de irresponsáveis, porque essa outra vida, accionante e ainda vacuíssima para a nossa gnose seria a suprema atribuíção das faltas psicológicas, que um hábito talvez insensato, costuma relegar ao carácter.

Vivemos entre dois fulcros, cujo apoio é insustentável. Ou tôda a lei é idiota e então libertemo-nos dela, ou então a responsabilidade existe e o destino sômos «nós mesmos».

Filósofos ou poetas (sejamos o que fôrmos) veda-se-nos o caminho da alta sabedoria e, tendo que aceitar um limite, não pode êsse limite ser o destino, cuja essência, se a tem, podemos ainda compreender e penetrar. Desde que nos seja possível limitar o destino, podemos aceitá-lo como limite nosso. A ânsia insofrida duma grandeza superior à nossa, que, inatamente e intelectualmente procuramos, sem que ninguém a tenha revelado no seu todo, tem de ser uma unidade perfeita, para que seja omnipotente e, assim, o destino, dividido e múltiplo, tam próprio como cada vida própria, precisaria duma coesão ordenadora, que lhe seria superior e de que êle dependêsse.

Logo, não seria o destino o fim último, para que nos congregasse em sua crença.

Admiti-lo em multiplicidade é reduzi-lo à negação de grandeza, que se supõi una.

E' raro que a palavra destino não tenha, na nossa boca, o significado de fatalidade má e só os «raros apenas» lhe dão a significação de supremo indicador de todos os actos humanos. Mas, temos de ir mais longe do que os actos humanos. Atribuem-se ao destino mesmo aqueles actos que parecem e são meros produtos musculares e instintivos e temos então, que todos os animais e plantas teem também o seu destino, entidade abstracta, que a estas últimas perfuma as almas!...

... Não. Nós temos uma vida nossa, muito nossa, autoctone e livre. Influênciam-na as fôrças motrizes de Deus, alma, amor e pensamento, mas quem me diz que estas fôrças não são a sua essência e substância, não são gravitações da sua gravidade, cujo núcleo central se afasta para o Infinito?!

O destino é uma maneira de chamar pelo «infinito que nos atormenta».

O destino somos nós mesmos... tanto quanto pode ser nossa a parte de Infinito que podemos aperceber.

Além desta ideia ou imaginação (porque nós não podemos ter a ideia de Infinito) o Nada. E, para àquem, algumas trepidações de luz, através das rotas confusas, por onde vamos seguindo...

* * *

Talvez não seja (não é com certeza) verdade que, quando a nossa alma se eleva, purifica o destino.

Apenas se purifica a si, na elevação das suas faculdades.

A purificação não pode excluír as ideias de Bem e Mal.

Demos que o Bem existe...

Se o Mal tem existência ontológica, não sei e não quero, no que escrevo, levar a perturbação à mais simples das almas.

Se o Bem existe é para nós é para nos purificar do Mal. A nossa alma é um potencial de equilíbrio entre o grande antagonismo. E' pelas fôrças desconhecidas que em si possue, que o Bem se multiplica ou que o Mal se desdobra.

Ninguém crê nem concebe a purificação pelo Mal.

Temos, então, que a purificação é uma tendência ao predomínio do Bem e que uma alma é tanto mais pura quanto maior Bem possuír.

E o Bem o que é?

Sabe-se lá porque, às vezes, é tudo e tanto, que é indistinto do Mal!...

Mas é, sobretudo, a Bondade, a Beleza, o Amor e a Verdade.

Quem diz purificação, diz aperfeiçoamento e o aperfeiçoamento ou caminho, até ao infinito, que não toca, da perfeição absoluta ou pára no caminho, no mais alto cume que pôde atingir — o Super Homem, o Santo e até aquele homem a quem os homens, às vezes, chamam o Doido!

Em nada, em nenhum dêstes estados superiores do homem há incompreensibilidades de destino. Há, sòmente, compreensíveis e exemplares transparências formidáveis de Alma!

Alma e destino não são vocábulos que mutuamente se joguem, para desvendar um mistério com outro mistério igual. Embora o nosso pensamento faça colidir os dois mistérios, dando-lhe, indistintamente, o mesmo valor e a mesma operosidade, isso não é senão um vício da nossa errada educação mental.

A alma é, por princípio, a movimentação, a vida generatriz da matéria em acto.

O destino seria, quanto muito, um potencial vago. Entre a potência e o acto está de permeio a vida. E' pela vida que qualquer potência passa o acto. Desde que exista vida, existe a fôrça dessa vida por criação actual, e essa fôrça não é um acaso, não é um destino. E' uma necessidade, por criação. E' uma alma, no sentido rigoroso e filosófico do termo.

Tenho a impressão de que a importância dada à ideia de destino é um refúgio de falsos pensadores, dialecticos e sofistas, para fugir a graves problemas, que não teem solução, que não seja dentre de sistemas perfeitos.

Entre a paixão, a educação mental por preconceitos e o dever de bem pensar há, muitas vezes, distâncias intransponíveis...

* * *

Maeterlinck é um filósofo, que se deixa bater.

Levanta a poeira doirada das grandes ideias, mas deixa-a repousar a tal ponto, que, em breve, nada a distingue da pulverulência perdida das folhas perdidas no caminho, farandoladas em desolação, confusão e abandôno.

Resta-lhe a forma literária.

O mito das sereias continúa!...

Pinto de Almeida.

O novo Teatro

Uma sugestão de Serafim Rodrigues que muito honrará os créditos culturais da nossa Terra.

Firme em sua ideia, maravilhoso de energia e portando-se como Homem de decidida acção, o iniciador e proprietário do Teatro em construção não se tem poupado, apesar do mau tempo, em fazer vingar a iniciativa que a si mesmo impôs.

Acumula materiais, dá andamento aos fundamentos e redobra da actividade em face das indicações que o projecto lhe apresenta — satisfeito com a sua obra e felicíssimo por ter de oferecer à sua terra adoptiva um melhoramento que elevará, e em muito, o grau cultural da nossa cidade.

Bernardino Jordão tem jús ao nosso eterno reconhecimento, à nossa perene gratidão, motivo suficiente para que não se lhe regateiem os merecidos louvores que lhe cabem e são, na verdade, indiscutíveis.

A obra prosseguirá...

E uma vez que a obra prossegue com remarcado cunho de absoluta certeza, convictos de que a inauguração ainda será feita no decorrer do presente ano, vamos transmitir ao público uma sugestão de veras curiosa e que honra de sobremodo o autor da feliz lembrança, já pela grandeza do seu objectivo já pelo que traduz de gratidão para com o Homem que sôbre os seus ombros tomou tam pesado encargo: — *Empenharem-se os velhos Amadores vimaranenses da arte de Talma em tomar para si a glória da inauguração do novo Teatro, organizando um suntuoso Sarau de Arte*, a que concorreriam figuras como as do autor da sugestão, sr. Serafim Rodrigues, Jerónimo Sampaio, Simão Costa, José de Sousa Roriz, Avelino Ferreira Meireles, Filinto Nina e Luís Filipe Coelho, os quais se constituíriam em Comissão e teriam de iniciar desde já os seus trabalhos, para ponderar sôbre esta séria organização. Representar-se-ia uma peça inédita de Eduardo Almeida — sem dúvida o primeiro Homem de letras da nossa Terra — coadjuvados valiosamente pelo esplêndido *Orfeão de Guimarãis* e pela soberba *Orquestra Vimaranense*, nesse dia regida pelo seu fundador, sr. Alfredo Caldeira.

Seria interessante e de autêntica singularidade.

Preitear-se-ia **Bernardino Jordão** pelo favor concedido a Guimarãis e honrado ficaria o berço do nosso imortal Gil Vicente.

Aí fica o alvitre para quem bem o aproveite.

Gazetilha

Na quinta-feira passada,
(mas não que houvesse deslises)
devia ser festejada
por mais uma *etape* andada,
a nossa Banda dos Guises.

Nesse dia fizera anos,
que a mesma fôra fundada;
mas resolveram os manos,
para à Fé não causar danos,
ficar a coisa adiada.

Era Quinta-feira Santa,
agonizava o Senhor,
e êles, com pena tanta,
— o que, afinal, nada espanta —
associaram-se à dôr...

O programa anunciado,
passou p'ra segunda-feira;
mas um núm'ro foi *bifado*,
pelo que estou indignado
e *bufo* desta maneira:

— Não há direito! Protesto,
contra o lôgro em que caí;
pois se andei a passo lesto,
com o *papo* ainda testo,
e nem uma nota ouvi!...

O concêrto, no Jardim,
de que o programa falava,
era o melhor, cá p'ra mim;
mas ficou mesmo assim,
e mais o Céu não *suava*...

Do jantar, não se esqueceram,
— e eu disso também não falo —
a-pesar que me disseram,
alguns que lá estiveram,
que só foi arroz de galo...

Mas 'stá bem! Eu os desculpo,
dando-lhes meus parabéns;
e sem pretensões de estulto,
nem lamúrias de mui vulto,
lhes rogo que em Guimarãis

Realizem um concêrto,
um concêrto a valer,
que obrigue o mais esperto
a dizer, de agrado certo:
— O' filhos!, 'stá-me a saber...

Belgatour.

9 DE ABRIL

1918 1937

Mais um aniversário passa sôbre a memorável data.

Por isso a Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, nesta cidade, antecipadamente agradecida, roga às ex.mas Autoridades locais e colectividades em geral, e bem assim à população vimaranense, a fineza de assistir à missa que de sufrágio por todos os Soldados de Portugal, mortos ao serviço da Pátria, se celebra na Igreja da Colegiada pelas 10 horas dêsse mesmo dia.

Guimarãis, 2 de Abril de 1937.

A Comissão Administrativa.

Farpas

João Franco... tendeiro

Não se trata de *blague* própria dêste dia. E' uma verdade que todos poderão verificar aos sábados, na cidade de Guimarãis.

Isso mesmo o verifiquei já diversas vezes e verifiquei-o, ainda no sábado da Aleluia, em que fui à cidade.

A' porta da repartição de viticultura, de conversa com o amigo Domingos Freiria, velho companheiro de antigas *cavalarias*... «tauromáticas», meus olhos contemplaram êsse espectáculo degradante e impróprio duma cidade civilizada. Tendas de variadas côres, toldos rotos uns, remendados outros, exibiam-se em desalinho naquele velho terreiro da Misericórdia que justamente foi consagrado a lembrar e perpectuar a memória dêsse grande ministro e grande amigo de Guimarãis que foi o Conselheiro João Franco.

E o monumento levantado pela dedicação de bons vimaranenses encontrava-se completamente entaipado por aquela barracaria de feirantes a que o busto de João Franco parecia servir de adôrno ou remate.

E logo ali jurei trazer a público o meu protesto contra aquela afronta ao incompreendido Ministro de um grande Rei e a um dos mais devotados amigos da minha terra.

Não, aquela barracaria precisa de mudar de sítio, levando-a para outro lugar mais próprio! Continuar ali é persistir na afronta e creio bem que não haverá um só vimaranense bairrista que não esteja comigo e não me acompanhe neste protesto sincero e ordeiro contra o espectáculo degradante que, aos sábados, se exibe ali, no velho terreiro da Misericórdia, junto ao monumento do que foi chefe prestigioso daquele célebre grupo bairrista de *antes quebrar que torcer*.

S. João das Caldas,
1.º de Abril de 1937.

X. X.

Música variada...

A título de esclarecimento

Alguns leitores do «Notícias» acharam graça ao título desta secção e outros, pelo contrário, manifestaram a opinião de que o mesmo «Notícias» não é *orgão tocante*...

Que é orgão bairrista — e bem bairrista — porque sabe defender com aprumo persistente os interêsses de Guimarãis — Cidade e concelho.

Embora eu não pertença ao número daqueles que têm a pretensão de Amar a Deus e ao diabo ao mesmo tempo, dou, neste caso, razão a uns e a outros. Aos primeiros, porque consideram a secção uma raposódia de lamúrias vimaranenses; aos segundos, porque são os *pregoeiros* da justiça a que tem direito a intenção de quem dirige o jornal. Vê-se, portanto, que há contentes, não obstante a impossível intangibilidade de alguns querer impôr-se aos supremos interêsses de Guimarãis.

Mantenho a convicção — e julgo não estar em êrro — de que o «Notícias» nunca foi menos elegante para com aqueles que se têm esforçado para arrancar o progresso desta terra do *coval* onde se deixou caír. Se algumas *beliscaduras* tem dado — mas sem intenção criminosa, como está provado — isso se deve ùnicamente ao compromisso que tomou de ser justo e imparcial.

Se tôdas as pessoas que se sentem atormentadas com a justiça que lhes tem sido feita tivessem dado ocasião a tecer-lhes os maiores elogios, naturalmente que ninguém lhos regatearia. Pelo menos, é aquilo que tenho notado, quer por parte dos colaboradores de todos os *matizes*, quer pela daquelas pessoas que nas colunas do «Notícias» têm sido distinguidas com merecidas atenções não olhando a preconceitos políticos ou religiosos.

Senão, vejamos:

Tem ou não tem o «Notícias de Guimarãis» colaboradores de todos os *paladares*: — republicanos, monárquicos, acérrimos defensores do Estado Novo, etc.? Têm ou não têm sido elogiados — quando reconhecidamente dignos disso — uns e outros! Em face disto, podem dar ao mundo as voltas que quizerem, que a justiça que tem orientado a intenção de elogiar é axactamente a mesma que tem orientado a intenção de substituír o elogio pelo facto de chamar a atenção de quem de direito para o cumprimento dos seus deveres.

Se isto é crime, o Céu deve ser grande demais e o inferno demasiadamente pequeno!! Para mim, que não transijo com o desvirtuamento da palavra justiça, entendo que é assim que deve ser, isto é: Deve dar-se a César o que é de César.

Se, por ventura, no meu espírito não estivesse bem definido êste modo de vêr — como leitor assíduo do «Notícias» — não me sujeitaria ao domínio do meu atrevimento, fazendo da minha pessoa um humilde *rabiscador* da gazeta, não porque tenha qualidades jornalísticas, mas porque sinto a invencível vontade de enfileirar — embora com pouca assiduïdade — ao lado daqueles que com tanta Alma e com tanto entusiasmo pugnam, ordeira e ponderadamente, pelo progresso de Guimarãis.

Eis a razão de um intruso no meio dos brilhantes colaboradores do «Notícias de Guimarãis», que, mais do que nunca, segue uma orientação que não me contraria.

Há Festas?... Não há Festas?...

A's preguntas de «Há Festas? Não há Festas?» respondem uns que sim e outros que não.

E' triste, sem dúvida, esta lamentável incerteza. A opinião pública já foi informada — salvo êrro — de que a Câmara incluíra no seu Orçamento a verba de seis mil escudos para as Festas da Cidade.

E' de crer, porém, que essa verba seja sòmente destinada a despesas com a propaganda e nêsse caso temos de confessar que há vontade de fazer corresponder a uma grande propaganda o brilho e a grandiosidade das Festas da Cidade. Agora, pregunta-se:

Será assim? Não será assim?

Efeitos da chuva impertinente

Com a impertinência da chuva até o transeúnte se vê *à rasca*, sendo apoqüentado por todos os lados.

Por cima, são as *roturas* dos caleiros que descarregam contínuas *enxurradas aéreas*; pela frente, pela retaguarda, pela direita e pela esquerda é o martirizante fustigar do vento; por baixo são as pocinhas dos passeios, mais do que as pragas do Egito, a fazer o mesmo papel dos *borrifadores*. Juntando a tudo isto os *vomitórios de lamice* que se acumula nos mesmos passeios, queria que me dissessem se todos êstes flagelos não serão o suficiente para conduzir muitas Almas ao Céu!

A luz, sempre a luz!

A-pesar-de tantas vezes termos falado na falta de luz que se nota na cidade e, bem assim, em algumas artérias onde ela não devia faltar, mais uma vez vimos recordar o assunto, mas, já agora, dando uma novidade em primeira mão, que é a seguinte: O plano de electrificação geral do País, de que está encarregada a Junta de Electrificação Nacional, já tem as suas bases fundamentais formuladas e estas já se encontram em poder de Sua Ex.ª o Ministro para serem presentes à Câmara Corpórativa. Mais sabemos, que é natural que as Câmaras Municipais deixem de ter acção sôbre êsses assuntos, o que, pelo menos para algumas terras, representa a satisfação de uma das suas aspirações. Tudo nos convence, portanto, de que as coisas se modificarão dentro de pouco tempo, neste sentido, tanto mais que nisso está empenhada a Junta de Electrificação Nacional, como acabamos de dizer. Sendo assim, estão de parabéns tantos interessados que, com grande empenho e muita insistência, têm reclamado o fornecimento de luz eléctrica para bastantes freguesias rurais. Para êsse fim têm sido feitas algumas representações à ex.ma C. A. do Município, nada estando resolvido até ao presente, não obstante haver quem faça gratuitamente a montagem para tôdas as freguesias interessadas, sem dispendio algum para o Município.

Pum.

A missão da Polícia Cívica

é particularmente digna e resulta útil e proveitosa para a Colectividade...

Há funções oficiais que atenta a sua natureza delicada, exigindo uma grande ponderação e reflexão para o seu desempenho, e ainda pela maior vantagem de aí resultante — interessa, é digna de patrocinio e reconhecimento público.

No caso está a polícia cívica, que todos reconhecem de uma particular utilidade na tranqüilidade e garantia da colectividade.

Mas reconhecido está que tais funções veem de cada vez mais exigindo que sejam desempenhadas por indivíduos, além de reconhecida idoneidade, sejam portadores de uma boa educação e ainda dos conhecimentos indispensáveis como de qualidades de ponderação e reflecção.

O tempo dos polícias — obedecendo sem conhecimentos e sem reflecção — justificava-se quando havia o compadrio e às sociedades não haviam chegado ainda, de um modo geral, a ilustração actual — e daí para essa ilustração requerer-se quem a tenha, segundo as funções em que está investido.

Agora mesmo se teem dado de vez em quando, com um ou outro polícia menos educado e ilustrado, situações de desdouro para aquêles, incompatibilisando com pessoas de superior situação social, em casos que se outra fôsse a educação e ilustração, teriam sido evitadas em bom nome da corporação dignissima a que pertencem e com prestígio e consideração pelos contendores em que autoridade fica diminuída.

Funções oficiais nos quadros de Secretaria — em que há necessidades de ter mentalidade são de início remuneradas com 300$00 — facto que nos habilita a admitir que tendo o guarda vencimento superior àquele, bem se andaria exigindo aquelas habilitações e qualidades de educação que se tornam míster ao seu desempenho.

Inclusivamente, para beneficiar os nomeados em tais condições, dava-se acesso aos quadros da Secretaria depois de um ou dois anos de bom exercício, sem nota ou falta sensível.

A todo o cidadão culto e educado custa-lhe vêr-se na necessidade de tratar com uma autoridade policial sem êsses requisitos e sem a inteligência precisa para conduzir, de momento, as questões, por forma a não torná-las de simples, cumplicadas e graves, pela irritabilidade em que as venha a colocar.

Isto, traria colocação a tantos rapazes que, embora com ilustração e educação, não veem fácil colocação, atento o grande número já hoje ilustrado.

Ir-se iam levando à reforma aquela parte da polícia que não oferece as garantias expostas, sem menosprêso de direitos e regalias, que importa respeitar, mas mediante aquelas facilidades que a leva a recorrer a essa situação: a reforma — que é um justo prémio entretanto a serviços prestados, embora algumas vezes, sem a cabal noção de tão alevantada missão.

Soeiro da Costa.

Canção do Linho

A Fiandeira.

Depois que êle foi semente lançada à terra e que o tempo vestiu côr de esperança, e mais tarde toucou de azul, para que se tornasse mais alegre e vistoso na verde extensão das campinas fecundas: depois que êle foi nauta, e foi coração de lusíada, porque também, no claro seio das águas, o linho teve sua benigna aventura, e doce resplendor de epopeia: e foi pobrezinho sem eira nem beira, porque algumas noites passou estendido no chão, sob as carícias opalescentes do luar: e também depois de ser mártir, porque para maior bem das gentes, o torturaram e sacrificaram de mil maneiras:

Foi então que, fartas de o verem sofrer, as vèlhinhas estenderam sôbre êle as suas mãos de bênção, e suavemente o foram afagar ao alto das suas rocas encantadas: foi então que as vèlhinhas de olhar brando como a luz das madrugadas, acercaram dêle os seus dedos engelhadinhos, e lestamente o foram fiando, fiando, de permeio com a turbamulta das suas memórias: porque os cérebros das fiandeiras são estrigas de lembranças sempre a desfiarem-se, suas almas são teares de recordações perpètuamente a correr, seus corações são rosários de saüdades cujas contas não cessam de girar...

Ambos atravessaram a vida entre pezares e venturas, ambos se puseram brancos ao cabo de muitos trabalhos e padecimentos: e, como dois bons amigos, de destinos quási irmãos, vèlhinhas e linho põem-se então a conversar, muito baixinho, em pensamento, para não acordarem do sonho breve que com o fuso anda a bailar, a bailar...

E o fuso rodopia. E as vèlhinhas vão beijando e fiando o linho, piedosamente, amorosamente, como quem bole em tranças de ouro: porque também as fiandeirinhas se lembram que na sua vida houve um filho, um neto, ou um sobrinho, com os cabelos assim, lindos, lindos, de enfeitiçar...

O fuso baila-lhes sempre, em doido bailar, nas pontas dos dedos engelhadinhos... E por êsses arredores, sentadas à porta ou à beira das janelas dos casais simples, ora tristes ora prazenteiras, a roca prêsa à cintura, os olhos baixos, pousados no linho que se vai adelgaçando e fugindo, louquinho de todo, para o fuso rodopiante, — elas lá estão, lá estão as fiandeiras vèlhinhas... E o fuso rodopia-lhes nos dedos, rodopia-lhes ligeiro nos dedos moreninhos: ó que dansa tam linda, ó que lindo bailar... A espaços, quando não palestram, abstraem-se da sua lide, — afeitos, os dedos lá sabem cumprir o seu dever — e a vista deixá-la jornadear por aí fora, passear pelos longes, como as aves que vão rasgando o espaço, ligeirinhas, talvez a caminho do lar amante, talvez em busca do migalho para a fome daquele dia, talvez em demanda do seu amor...

Nas horas breves do serão, lá estão elas, as fiandeiras vèlhinhas, achegadas às lareiras crepitantes, à luz humilde das candeias, a tagarelar com os que estão acercados, enquanto o fiozito leve vai crescendo e tombando do alto, perene, como veio de água corrente; ou então muito recolhidas, serênas, a cogitar sei lá em que, — decerto seguindo ainda o rasto da última estrêla que se extinguiu no céu das suas dúlcidas miragens... E o fio aumenta contìnuamente: porque a roca é uma fonte, a que o linho serve de água; e o fuso tem o jeito da cantarinha, sempre a encher, a encher...

O Linho, a Roca e o Fuso, unidos em sua bondade e amor, fizeram-se três companheiros benqueridos; são três alminhas de beleza suave e suave encantamento, quando se olham e se ficam alegremente a conversar... E diz assim o Linho: Abençoada seja a mão que por bem me faz penar... E diz assim a Roca: Abençoada seja a vida que o meu corpo vem beijar... E diz assim o Fuso: Abençoada seja a canseira que a mim me faz cansar...

E rezam as fiandeirinhas de olhar brando como a claridade das estrêlas: — O' meu linho bendito! Tu, que fôste semente, e erva que floriu num sorriso da côr do céu; e fôste nauta, e pobrezinho, e mártir; tu, que para maior bem das criaturas tanto te sacrificaste, desfiando um rosário de sofrimentos sem fim; tu, que para meu regalo te fizeste jovial dansarino, ao saír da minha roca lourinhas e alegraste a neve dos meus cabelos com teu ledo bailar; e fôste meu bom amigo, porque me deste amparo e entretenimento nas agruras do viver, — ó meu linho formoso: ainda em certa hora te vestirás todo de branco, como quem vai para a primeira comunhão — a comunhão da tua graça sublime: e serás então a alva toalha que um dia se cobrirá de louças: e devotamente enfeitará os altares, acamadinha de luzes e de jarras com flores, sob o olhar imaculado das santinhas da minha crença; e serás a vela corajosa que levará ao mar alto a barcaça do pescador; e serás o bálsamo nas feridas do enfêrmo, e o lençol do nosso leito, e a roupa fresquinha que o corpo nos há-de envolver; e serás também — ah! quem sabe! — talvez a fúnebre mortalha sôbre que algum dos meus se debruçará a chorar; e serás ainda aquilo que eu não sei dizer, ó meu linho formoso: — por isso de mãos postas eu te bendigo, e murmuro o teu nome de alma ajoelhada, como quem diz uma prece, ó sempre belo, ó sempre generoso, ó sempre cheio de graça, meu linho bendito! Amém!...

Num Outono distante.

Salvador Dantas.

Ao ouvido de... ninguém

NADA DE SOCIEDADES

Em negócio de amor não há ninguém que goste ou admita sociedades, quando elas se dão é raríssimo que não provoquem fraco resultado. Mais ou menos, há sempre a reacção da parte que se sente lesada nos «lucros», embora que, depois, pela fôrça do hábito, se vá afazendo. Mas isto de gostar de duas pessoas ao mesmo tempo quási sempre dá asneira, leva-nos, por vezes, a situações nada invejáveis. Mas o homem não termina por ter juízo, por perder a mania de ser conquistador. Há ocasiões em que não conquista mesmo nada, mas fica com essa impressão, que é tudo quanto basta.

A rapariga soube que êle andava de amores ilícitos com uma colareja qualquer, e não admitindo tal desafôro, resolveu intervir. E assim, encontrando-se cara a cara com a outra, admoestou-a por «andar metida» com o «seu êle», o que para si era uma afronta. Até certo ponto ela desculpava tudo aquilo, mas assim uma coisa tão «enroscada», podia muito bem transtornar-lhe a cabeça. A resposta que obteve foi dura e grosseira, como é de uso em tais questões, grande devia ter sido o temporal, deviam ter chovido raios e coriscos.

Indignada com o que ouvira e lhe fôra dirigido, foi queixar-se aquêle que, afinal, tinha sido o causador de tudo, que tinha obrigação de a desafrontar. Certamente que êle prometeu tomar providências, e não faltou aquilo que disséra. Mas como não era pessoa para *deligências diplomáticas* — palavras são trêtas e as acções teem sempre maior valor porque nos impressionam mais, — muniu-se de um cavalo-marinho, e num passeio que tudo parecia indicar que ia ser cheio de bucólico lirismo, zurziu impiedosamente aquela que, de si, naturalmente só pretendia algum dinheiro para melhor acudir à miséria a que a sua sorte a agrilhoou para sempre.

E. N. Fastiado.

Bragança presta homenagem a ALFREDO CALDEIRA

Acabamos de saber que a Cidade de Bragança prestou há dias homenagem a um Artista de valor, e nosso querido amigo sr. Alfredo Caldeira, que nesta cidade, onde permaneceu durante alguns mêses, conquistou, pelas suas invulgares qualidades de talento e de carácter as melhores e maiores amizades.

A notícia recebida, por intermédio de pessoa amiga e confirmada nas colunas do «Jornal do Notícias» enche-nos de alegria. Entre nós e Alfredo Caldeira existe uma amizade que se tornou grande após poucos dias, diremos até poucas horas, de termos travado conhecimento. Alfredo Caldeira é franco, sincero, bondoso e, acima de tudo, atraente. Cativa em poucos momentos de conversação, torna-se-nos simpático pelas palavras e pelas iniciativas sempre boas, sempre felizes. E quando faz vibrar as cordas do seu violino, sente-se a sua alma a vibrar também — alma de Artista, alma de português.

Foi, pois, merecida a homenagem e a ela nos associamos.

Lêde e propagai o "Notícias de Guimarãis,,

AS JOIAS DA OURIVESARIA ANCORA FAZEM PARTE INTEGRANTE DA «CORBEILLE» DUMA NOIVA (296)

Ourivesaria Ancora

Rua 31 de Janeiro, 21 a 25

Telefone 6078 PORTO

O que há hoje

Desporto

A's 15.30 horas no Campo de Jogos de *Benlhevai* sensacional desafio de desforra entre «Académico F. Club» campeão da II Liga da Zona-A 1.º Grupo, contra Vitória Sport Club, campeão da A. F. de Braga.

Cinema

No Cinema Gil Vicente, ás 15 e ás 21 horas: "*A Princeza Endiabrada*,, super-opereta com as duas maiores vedetas líricas da actualidade, na mais espectacular das operetas: Jeannette Mac Donald e Merle Oberon.

Casa das Gravatas

Agente Tabú

Apresenta dos últimos padrões em camisas Tabú 1937.

CHAPELARIA CLARO

DE

ANTÓNIO PEREIRA CLARO

5, RUA DE D. JOÃO 1.º, 7

(PRÓXIMO AO BANCO ULTRAMARINO)

Tem a honra de participar ao público que acaba de receber um grande e completo sortido em chapéus de última novidade, completando o seu sortido bonés, guarda-sóis e miudezas.

Consertam-se tôdas as qualidades de chapéus com a máxima perfeição.

(287) *PREÇOS MÓDICOS.*

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Sub-Agência de Guimarãis

Para conhecimento de todos que pela vida dêste Organismo se interessam mais ou menos de perto, e mais ainda para esclarecer os ingénuos, se os houver, e emudecer os mal-intencionados que a acção benéfica e protectora desta Instituïção fingem desconhecer e persistem alheios, indiferentes sem jàmais a Causa Comum dos seus Companheiros de Armas procurarem servir e contribuír para a sua existência e crescente prestígio, se publica na íntegra, o texto da Circular n.º 326. da C. C. A., de 21 do pretérito mês de Janeiro, que é como segue:

Ex.mo Sr. Presidente

Os resumos estatísticos publicados no relatório de gerência do ano de 1935, dão bem a ideia da situação angustiosa que se avizinha, e servem de boa prevenção para quem tem o pesado e difícil encargo de orientar a vida financeira da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

De 275 combatentes filiados que morreram nesse ano, 106 — 38 %! —, foram vítimas da tuberculose, o que corresponde a dizer que igual número de famílias ficou contaminado exigindo imediatos socorros na medida das disponibilidades e conforme as possibilidades do meio.

Esses 275 combatentes legaram 188 viúvas, 249 rapazes e 229 raparigas.

Isto, em 1935.

Não estão feitos ainda os apuramentos correspondentes a 1936 mas pode desde já afirmar-se que aqueles números subiram assustadoramente se tomarmos a Agência de Lisboa por base. Dos seus associados combatentes, contra 106 falecidos em 1935, registam-se 199 em 1936.

Com a idade, com os estragos das doenças — muitas adquiridas em campanha — com a crise, com tantos outros factores que temos de pesar, os combatentes, a vinte anos do termo duma campanha que foi dura como nenhuma outra, começam a desaparecer num crescendo apavorante.

Muitos dêles, inscritos na Liga desde a sua fundação, vêm pela primeira vez, neste ano de 1937, implorar um socorro, uma pensão ou um subsídio, porque se sentem faltos de forças e desacompanhados no mundo; outros, legam-nos as viúvas e os órfãos!

Com êste estado de cousas é indispensável uma maior segurança e uma melhor distribuição de dinheiros. Os encargos sobem de tal modo, apenas no que respeita a pensões e subsídios, que contra um montante de Esc. 23.891$10 dispendidos no ano de 1926-27, se registam 519.971$20 no ano de 1936.

A Agência de Lisboa, só em funerais, no ano de 1936 dispendeu sessenta mil escudos!

De todos os pontos do país nos chegam apêlos desesperados e raro é o núcleo provincial que não apresenta novos pedidos em cada mês que passa.

Está feito o orçamento geral para o novo ano.

Na sua elaboração foi posto o maior cuidado e o mais rigoroso escrúpulo, conseguindo-se, mercê disso, o equilíbrio que se pretendia.

Para os núcleos fôra votada em 1936 a verba de 429.480$00 e para 1937 votaram-se 430 620$00.

Para se conseguir, porém, além do equilíbrio, um pequeno aumento na assistência, foi preciso deixar muito pedido por satisfazer e até reduzir o subsídio mensal a núcleos que durante anos têm mantido saldos cativos sem benefício para a colectividade e com prejuízo dos que a ela recorrem em momentos aflitivos.

E' para êsses núcleos, sobretudo, que apelamos neste momento difícil, pedindo-lhes que na nossa orientação mais não vejam que a vontade de dividir irmãmente os dinheiros da colectividade e de acabar com situações que podem afigurar-se de privilégio.

De resto, à margem do orçamento que não é mais do que um instrumento de previsão, poderá a C. C. A. votar durante o ano novos créditos a qualquer núcleo, desde que as suas receitas ultrapassem o que rigorosamente foi calculado dentro de cada rúbrica.

Há que enfrentar a situação com coragem e com vontade de vencer, removendo obstáculos de ordem secundária, tomando directrizes novas, condicionando as despesas com as receitas, até que outra época se nos depare com maior desafôgo e mais esperanças num futuro melhor.

Tôdas as crises passam, mas é preciso saber-lhes suportar o embate.

E' isto que a C. C. A. da minha presidência procurará fazer contando com a cooperação dedicada, leal e sempre pronta dos seus colaboradores que dirigem os núcleos dispersos por quatro partes da mundo, e que ainda no ano findo se mostraram à altura da nobilíssima e delicada missão que graciosamente se propuseram levar a bom termo.

Cumprimentos afectuosos e protestos da mais firme camaradagem.

A BEM DA NAÇÃO

O Presidente,

Abel Joaquim Travassos Valdez

Coronel.

AUTOMÓVEIS

Vendem-se: **1 Renault** de 7 lugares e **2 Austin 10 HP** carros êstes com os quais trabalhou o "José d'Aurora,,.

Tratar com o proprietário dos mesmos — **ARISTEU PEREIRA.** (311)

Francisco Pinto Rodrigues

Advogado

R. Gravador Molarinho — Guimarãis

TELEFONE 172

Empregado de Escritório

Precisa-se para uma Fábrica, com habilitações e bôas referências e que saiba bem escrever à máquina com a idade de cêrca de 25 a 30 anos.

Para informações na PAPELARIA FREITAS — Toural, 128. (309)

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranense)

Miguelistas e Liberais

(Continuação)

Mas antes disto, segundo se lê no Maço 163 doc. 165 da Intendência da Polícia, arquivado na Tôrre do Tombo, em Lisboa, já em 19 de Fevereiro de 1827 se encontrava no juízo da vila e comarca de Guimarãis a seguinte relação dos processos criminais a que se procedeu por ocasião da entrada dos rebeldes na dita vila:

1 *Hum sumario contra os Vereadores e mais pessoas que assignarão o auto da Camara na presença e por mandado dos rebeldes.*

2 *Huma devaça de rebelião contra aqueles que protegerão ou seguirão o partido dos rebeldes e que proclamarão os Povos para o nosso Governo ou que, por factos e palavras, obraram contra o Governo e systema actual.*

3 *Hum sumario de rebelião contra o Barão de Vila Pouca e seu irmão Antonio Teixeira.*

4 *Outro dito de rebelião contra o visconde de Azenha.*

5 *Outro dito de rebelião contra seu filho por aclamarem o nosso Governo, fazer lavrar actas no Livro da Camara contra o Governo e systema actual.*

6 *Outro dito de rebelião contra Jose Leite Bragança por acompanhar os rebeldes e figurar em todos os actos que se praticarão contra o Governo e systema actual.*

7 *Outro Sumario de rebelião contra o Meirinho desta Correição pelo mal com que se portou juntamente com os rebeldes.*

8 *Hum sumario de Policia contra varios individuos da Guarda Civica desta vila pelas violencias, dezacatos e prizões arbitrarias que fizeram na sua entrada depois da fugida dos rebeldes.*

E ultimamente outro sumario contra o P.e Ricardo José Alves, da freguezia e concelho de Lanhoso, já prezo na cadeia desta vila, por denuncia do capitão da Barca Antonio Severo d'Abreu Vasconcelos.

Está conforme.

Guilherme Cipriano Domny.

Secretario.

Os distúrbios e desordens continuavam.

* * *

Em 27 de Fevereiro de 1827 o juiz de Fora, servindo de Corregedor, comunicou ao Intendente Geral da Polícia do Reino que a vila e seu termo não estavam tranqüilos e sossegados pois na vila no dia 24 apedrejaram as janelas do vereador Juiz pela Ordenança e que no dia anterior, isto é, a 23 pernoitaram na mesma o conde de Vila Flor e a sua divisão de infantaria e cavalaria, saindo na madrugada de 24 em direcção a Amarante, passando também na dita vila 2 batalhões de Caçadores e 1 regimento de Infantaria da divisão do marquês de Angeja, seguindo a mesma estrada.

Em o último dia do mês de Fevereiro de 1827 — segundo um documento da Intendência da Polícia, maço n.º 170 — foram organizados os seguintes processos criminais, a que procedeu o juiz de Fora da comarca de Guimarãis por causa da invasão dos rebeldes na dita vila comandados pelo visconde de Azenha:

Um sumário contra os vereadores camarários.

Uma devassa contra os que protegeram, seguiram e acompanharam os rebeldes.

Um sumário contra o barão de Vila Pouca e seu irmão António Teixeira.

Um sumário contra Azenha.

Uma devassa contra o filho dêste por ter juntamente com o pai aclamado D. Miguel e obrigado a Câmara a reünir e lavrar as actas da aclamação.

Mas continuemos. Aqueles tumultos não cessavam. Senão vejamos.

Em 24 de Março de 1827, o juiz de Fora, servindo de Corregedor, António de Melo Sampaio, queixou-se ao Intendente da Polícia do Reino que, no dia 22 para 23 do mesmo mês, lhe cantaram cantigas injuriosas e que por isso não merecia a simpatia pública e que por diversas vezes lhe tinham atirado 2 tiros de bala para o seu quarto onde êle estava e que por milagre o não mataram, e que já estava avisado e que por isso andava acautelado, não saindo de noite e, de dia, só ia para o seu serviço, não dando razões por o terem atacado já duas vezes em casa. Receoso portanto de mais excessos, retirou-se para fora de Guimarãis, oficiando ao juiz de Fora de Amarante que era o imediato que fôsse tomar conta da vara porque não era possível conciliar a opinião pública; nem por êsses povos podia ser bem visto e que essa indisposição nasceu logo quando tomara posse do lugar pelo motivo de ser natural da Província de Traz-os-Montes onde tinha casa e parentes. Tudo isto, não obstante ter dado decisivas provas de fidelidade a S. Alteza; que tal estado de indisposição se manifestou mais e mais se agravou desde que promoveu um sumário de polícia contra alguns membros da Guarda Cívica que, afectando defender a situação, cometia tôda a sorte de violências, distúrbios e desacatos. Portanto que não era possível ser ministro em uma terra onde o insultaram, injuriaram e quizeram matar. Que não merecia a confiança pública, por isso pedia que fôsse tudo presente a el-rei para lhe dar o lugar por acabado, para o que concorriam também as suas moléstias.

No mês de Maio apareceram vários *pasquins*, dos quais passamos a transcrever apenas 2 para não tornar demasiado longa esta narrativa.

1.º PASQUIM

Valorosos soldados, briosos Portugueses!

Fieis ao legitimo rei N. S. D. Miguel I!

Seguí o exemplo dos honrados, 3.º de Artelharia, 8.º e 5.º de Infantaria que, quebrando o infame jugo da Constituição, cobriram-se de glória nos dias 29 e 30 de Abril em Elvas. O magnanimo marquez de Chaves já nos chama ás armas em auxilio para derribar o despotismo.

Já Briosos soldados dos Regimentos 21, 3 e 16 tem largado os ferros que os agrilhoavam e marchou para a Espanha.

O General conhecendo o erro em que andava já depoz seus furores e com indeferença vê os movimentos dos Povos contra a Constituição e a favor do legitimo Rei Senhor D. Miguel I.

2.º

Morra a Constituição morra; morra a menina D. Maria 2.ª, morra; morra D. Pedro 4.º morra; morram todos os Constitucionais, morram os da Guarda Civica morram; morra o fidalgo do Toural. Em 8 de Maio de 1827.

No mesmo dia e dita madrugada, pelas 3 horas foram disparados dois tiros na janela do juiz de Fora, com os quais não só se quebraram os vidros, mas também penetraram na sacada por serem de bala e o matariam ou fazeriam se acontecesse êle estar à banca — como costumava — exercendo o seu lugar por esta estar próxima de uma das ditas janelas.

No mesmo dia à porta da vila, na esquina da Praça pública do Toural e casas em que morava Luís António Pereira apareceu uma figura pintada, inculcando um corcunda, vestido parte de amarelo, com a forma de cabeça de burro, com uma espécie de mala às costas.

No dia seguinte, 22, apareceu no mesmo sítio outra pintura nas mesmas condições da primeira, as quais o juiz de Fora mandou tirar para atalhar a discórdias ou desordens entre os povos.

No dia 23 continuaram os ataques contra o dito juiz, dando-se outros tiros também de bala e uma descarga na sacada do meio da casa da sua residência em frente da rua, que penetraram para dentro. Por êste motivo foi o dito juiz a Braga queixar-se ao quartel general.

Em 30 de Maio de 1827 o Provedor da Comarca em Guimarãis, servindo de Corregedor, participa ao Intendente da Polícia que em 19 do mesmo mês, tendo entrado em serviço que terminou em 25 houve, na vila, os seguintes factos:

1.º que na madrugada de 21 pelas 2 horas lançaram grande quantidade de paus, nada menos de 6, serrados de propósito, para as janelas do juiz de Fora, servindo pela Ordenança Francisco José Gonçalves de Oliveira, quebrando êle as vidraças e dando ao mesmo tempo um tiro forte a cujo estrondo ou porque fôsse disparado contra a mesma vidraça, os vidros se esmigalharam e cairam no chão.

(Continúa)

P.e Alberto Gonçalves.

AZEITE BORGES

da

Sociedade dos Vinhos Borges & Irmão, L.da

Finíssimo e de qualidade inegualável.

Latas de Dois, Cinco e Dez Litros

VENDEM (308)

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

Telefone--24 — GUIMARÃIS

O 34.º Aniversário da Banda dos Bombeiros Voluntários

Conforme estava anunciado a excelente Banda dos B. V. de Guimarãis, também conhecida por Banda dos Guises, comemorou, solenemente, na última segunda-feira, o seu 34.º aniversário, ocorrido em 25 do mês findo.

Logo de manhã foi a comemoração anunciada por salvas de morteiros, percorrendo a Banda as ruas da cidade. A's 11 horas e no templo de S. Dâmaso foi celebrada, pelo rev. Virgílio Estezo, uma missa por alma dos componentes da Banda já falecidos e, após o religioso acto, a Banda foi cumprimentar a imprensa local, tendo vindo à nossa redacção, gentileza que muito agradecemos.

Findos os cumprimentos teve lugar na Casa de Ensaio uma sessão solene que, a-pesar-de ter sido revestida da maior simplicidade, decorreu com muito entusiásmo, tendo usado da palavra vários oradores, após o que, por entre estrondosas salvas de palmas, se procedeu ao descerramento do retrato do digno maestro, chefe da Banda, sr. Joaquim Guise.

Durante a tarde novas demonstrações festivas solenizaram a data e à noite realizou-se na «Pensão Comercial» o jantar de confraternização a que assistiram o regente e todos os componentes da Banda, alguns dos componentes da fundação, o sr. José Luís de Pina, 1.º Comandante dos B. V., representantes da Imprensa, etc.

Aos brindes usaram da palavra vários componentes da Banda, os srs. José Luís de Pina e Américo Alves Ferreira e o nosso Director, bem como o sr. Joaquim Guise que agradeceu as palavras que ali lhe fôram dirigidas e à Banda.

Fôram lidos vários telegramas e cartas, de diversas entidades, associando-se àquela festa.

O jantar terminou, já depois das 23 horas, ouvindo-se muitos vivas a Guimarãis, à Banda dos B. V., aos Bombeiros Voluntários, a Joaquim Guise, a José Luís de Pina, etc., etc.

O «Notícias de Guimarãis» agradece o convite que lhe foi dirigido, assim como tôdas as gentilezas com que o distinguiram e as saüdações que lhe fôram feitas.

Boletim Elegante

D. Ana do Sacramento Mendes

No próximo dia 7, faz anos a conceituada modista local, sr.ª D. Ana Júlia do Sacramento Cardoso Mendes, a quem desde já felicitamos.

Dr. Guilhermino Alberto Rodrigues

Passa na próxima quarta-feira, dia 7, o aniversário natalício do nosso bom amigo sr. Dr. Guilhermino Alberto Rodrigues, digno chefe aposentado da Secretaria Judicial de Guimarãis, residente actualmente em Lisboa, e que no meio vimaranense conta verdadeiras amizades.

Apresentamos-lhe, pois, desde já, as nossas mais sinceras felicitações.

Baptizado

Na paroquial de S. Sebastião baptisou-se há dias uma filhinha do sr. Eduardo da Silva Mouta e de sua espôsa a sr.ª D. Maria Madalena Marques da Silva, estimada proprietária da Leitaria Moderna, a qual recebeu o nome de Maria Eduarda.

Foram padrinhos o avô e a tia paterna da neófita.

Francisco Gonçalves da Cunha

No próximo dia 8, faz anos o nosso bom amigo Sr. Francisco Gonçalves da Cunha, estimado emprezário do Cinema Gil Vicente, a quem felicitamos.

Almério Ferra

Fez anos no passado dia 1 o nosso bom amigo e conceituado comerciante local sr. Almério Ferra. Embora tarde as nossas felicitações.

Partidas e chegadas

Tem estado, com suas irmãs, nas suas propriedades de Santo Amaro o distinto sacerdote e nosso bom amigo sr. P.e José Ferreira Leite.

— Vimos nesta cidade, há dias, o nosso bom amigo sr. dr. José Sebastião de Menezes.

— A passar as festas da Páscoa, estiveram entre nós, os nossos amigos, srs. Coronel Luís Pereira Loureiro, Francisco e Lino Teixeira de Carvalho, Joaquim S. Boaventura Mendes Guimarãis, Domingos Ribeiro, Amadeu Guimarãis, Custódio Ferreira de Oliveira, e Arnaldo de Sousa Lobo.

Também estiveram nesta cidade, os nossos amigos srs. P.e Manuel Araújo e José Maria Pinto de Almeida, de Lordelo.

— Foi passar as festas da Páscoa, com sua familia, a Pico de Regalado o nosso bom amigo sr. Mário de Souza Menezes, ilustre Professor da Escola Industrial e Comercial.

— Tem estade entre nós o nosso amigo sr. André Martins dos Santos, do Porto.

Doentes

Vimos já completamente restabelecidos, o nosso bom amigo sr. dr. Manuel Jesus de Souza.

— No Pôrto, onde reside, tem passado ligeiramente incomodado o nosso conterrâneo e bom amigo, sr. Domingos da Rocha Guimarãis, estimado proprietário da Ourivesaria Ancora.

— Esteve ligeiramente incomodado mas já se encontra melhor, o nosso bom amigo rev. Arlindo de Barros.

— Tem estado bastante doente o nosso bom amigo sr. Francisco Teixeira Mendes, estimado proprietário do Restaurante Teixeira Mendes e oficial de justiça aposentado.

— Esteve ligeiramente incomodado mas já se encontra restabelecido o nosso bom amigo sr. Eduardo de Lemos Mota.

Desejamos as melhoras dos doentes.

Dr. José Pinto Rodrigues

Com um forte ataque de *gripe* tem guardado o leito o nosso bom amigo e ilustre advogado sr. dr. José Pinto Rodrigues, a quem desejamos pronto restabelecimento.

Aniversários natalicios

Dr. Artur d'Oliveira Valente — Passou no dia 1 do corrente o aniversário natalício do meretíssimo Juiz de Direito desta comarca, sr. dr. Artur d'Oliveira Valente, a quem apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos.

Francisco Ribeiro de Castro — No mesmo dia passou o aniversário natalício do nosso prezado amigo sr. Francisco Ribeiro de Castro, proprietário da Casa das Novidades. Apresentamos-lhe as nossas felicitações.

Arlindo do Souto — Na sexta-feira, dia 2, fez anos o nosso bom amigo sr. Arlindo do Souto, a quem felicitamos.

José da Graça Ribeiro Novo — Fez ontem anos a nosso bom amigo e distinto camarada de «O Barcelense» sr. José da Graça Ribeiro Novo, empregado superior do Banco de Barcelos, que no meio vimaranense, onde se encontra há pouco tempo, soube conquistar já, pelas suas excelentes qualidades, muitas simpatias. Apresentamos-lhe, pois, as nossas maiores felicitações.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Tereza Marques Alijó

Na sua residência à Rua Egas Moniz, faleceu no domingo, quási repentinamente, a sr.ª D. Tereza Marques Alijó, que contava 69 anos de idade. A extinta era mãi dos srs., António Alijó e Eduardo Alijó, residentes, respectivamente, no Pôrto e no Rio de Janeiro e da espôsa do sr. Luis Lima, empregado-viajante da casa Bento dos Santos Costa & C.ª e avó das sr.as D. Fernanda Alijó Queiroz e D. Lucília Alijó Laranjeiro, esposa do nosso amigo sr. João Laranjeiro dos Reis, e dos nossos amigos srs. Luís Alijó de Lima e Fernando Alijó de Lima. O seu funeral, que foi bastante concorrido, realizou-se na terça feira na igreja da Oliveira. Após os oficios fúnebres e com numeroso acompanhamento, foi o cadáver trasladado para o Cemitério Municipal.

A toda a familia enlutada apresentamos condolências.

Anjinho

Contando apenas 2 anos de idade, finou-se o menino José Manuel, filhinho do nosso amigo sr. Manuel de Oliveira Cosme e de sua espôsa a sr.ª D. Rosa Pereira de Freitas Cosme. O funeral da inditosa criança realizou-se, com numeroso acompanhamento na tarde de segunda feira, para o Cemitério Municipal. O pequenino ataúde via-se coberto por muitos bouquets de flores com sentidas dedicatórias. Aos pais da inocente criança apresentamos os nossos cumprimentos.

Francisco Gonçalves

Na sua casa da Lage, freguesia de Silvares, faleceu o proprietário snr. Francisco Gonçalves.

Pêsames à sua família.

De luto

Pelo falecimento de uma sua cunhada encontra-se de luto o nosso amigo sr. Joaquim Ribeiro Moura, importante industrial da Pisca, a quem apresentamos condolências.

da cidade

Painel da semana

Dia de enganos

Não há dúvida nenhuma que o nosso povo perdeu tôda a vontade de se divertir, passa pelos dias consagrados ao folguedo como cão por vinha vindimada. O carnaval foi mazombo e insípido, nem ao menos nos deu uma nota alegre, nos deixou uma piada bôa que nos tivesse feito rir. Uma autêntica miséria que nos enfadou atrozmente, sem um dito chistoso, uma *carêta* com espírito.

Da mesma forma correu o primeiro de Abril, aquêle dia consagrado à *bucha*. Também foi uma autêntica desgraça. A sopeira que passava desprevenida não apanhou com o boné cheio de pós pretos, deixando-lhe a cara enfarruscada, os *rabos* perderam de moda, o dia quási passou despercebido. E essa ausência de espírito que ainda há bem pouco tempo fazia tôda a nossa delícia durante um só dia, foi a nota mais importante e digna de registo. Este ano foi tudo *seriedade*, os *intrujões* não vieram à cena, nem ao menos se ouviu dizer "olhe o que lhe caiu„.

Sòmente um ou outro caso isolado apareceu no *mercado*, e tudo à custa dos telefones. Apenas êsses prestaram bons *serviços*, não esquecendo as *meninas* que, percebendo que se tratava de brincadeira, foram solícitas como nunca, pelo menos assim nos informam. Foi o motorista que, na ânsia bem justificada de fazer mais um serviço, se deixou *comer*, mas que imediatamente soube *endossar* a partida, e por acaso ao próprio autor, que também foi no *andor* como um bem nutrido *pato*. O estabelecimento que, sem pedir, recebe de várias casas amostras de fazendas, aquêle que vê entrar pelas portas dentro os empregados das padarias, com cabazes e cartuchos de pão, sem que de tal houvesse necessidade. Mais uma ou outra piada sem a minima importância, nada mais que até hoje nos conste. E nós achamos que isto de nos andarmos a intrujar uns aos outros num determinado dia do ano é coisa que não *cola*, pois se assim fôsse nada fariamos nos restantes, porque enganados somos nós desde que nascemos, se é que não viemos a êste mundo por engano.

Dr. Pavão Leal

Este nosso ilustre amigo, que foi Juiz do extinto Tribunal do Comércio, e nesta comarca, acaba de publicar um novo trabalho jurídico intitulado «Das Falências e Concordatas», que se encontra à venda na Livraria L. Oliveira & C.ª.

Como tôdas as obras por êle publicadas, também esta é de uma clareza invulgar, e nela se encontra minuciosamente desenvolvida a matéria referente às falências e concordatas, por isso que é um livro útil não só aos que trabalham no fôro, mas também a todos aqueles que dedicam a sua actividade a assuntos comerciais.

Retalhistas de Vinhos

A convite da Direcção da Associação Comercial dos Retalhistas de Vinhos e Víveres, vem a esta cidade realizar uma conferência, na próxima quarta-feira, dia 7, pelas 15 horas (oficiais), no salão nobre da Associação Comercial e Industrial, o sr. António de Araújo Coutinho, secretário da Associação Comercial dos Revendedores de Víveres do Pôrto, cuja conferência será subordinada ao tema «A necessidade da Classe retalhista se integrar na Organinazação Corporativa».

Virá presidir a esta conferência o ex.mo Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, em Braga.

Companhia de F. e J. de Guimarãis

Tendo falecido o accionista da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarãis, sr. António Joaquim Correia, que à mesma prestou relevantes serviços, a Assembleia Geral para perpectuar a sua memoria votou a importância de 5.000$00 anuais para ser distribuída por 10 operários das fábricas da Avenida e de Campelos. Os contemplados mandaram celebrar uma missa por alma do saüdoso extinto, acto que se realizou na igreja de S. Francisco, com a assistência da Direcção e pessoal superior da Companhia, família do extinto e operários das fabricas.

Comemoração do 9 de Abril — Programa

Dia 8 — Venda do Capacete miniatura em Vizela.

Dia 9 — Missa às 10 horas na igreja da Oliveira, sufragando as almas dos militares portugueses mortos durante a Grande Guerra. Em seguida romagem ao Cemitério.

Venda do Capacete nos arredores de Guimarãis.

Dia 10 — Venda do Capacete na cidade.

A venda do Capacete Miniatura é feita como de costume por gentis alunas do Liceu e da Escola Industrial.

Cooperativa «A Económica Vimaranense»

Comunica-nos a direcção da Cooperativa «A Económica Vimaranense» que é nos dias 11 ou 18 do corrente e não em 10 ou 17, como, por lapso, foi comunicado aos sócios, que se realiza a Assembleia Geral extraordinária requerida por um grupo de sócios.

Justa petição

Uma comissão de passageiros vimaranenses enviou uma exposição ao sr. Presidente da C. A. dos Caminhos de Ferro do Norte, no sentido de ser anulada a taxa de velocidade que a Companhia cobra no combóio directo n.º 255 que parte da Boavisia às 17.43 para Fafe.

E' de facto de inteira justiça que tal petição seja atendida.

O Sarau na Escola Industrial no dia 9 de Abril

Conforme programa que já aqui publicamos realiza-se no dia 9 em comemoração da histórica data um Sarau que promete atingir grande brilhantismo, encontrando-se já passados muitos bilhetes.

Registo Civil

O movimento durante o mês findo nesta Repartição, foi o seguinte:

Nascimentos, 237; casamentos, 11; óbitos, 108.

S. João

Conforme programa que publicamos começaram no domingo, em Santa Luzia, as festas que precedem os grandes festejos que ali vão realizar-s ao S. João.

Vida Católica

Solenidade da Ressurreição

Com grande imponência realizou-se no domingo, nos templos da Cidade, a Solenidade da Ressurreição, tendo saido às 10 horas da manhã, do templo de S. Dâmaso, a Procissão da Ressurreição, que percorreu diversas ruas da Cidade, nela se incorporando irmandades, clero, etc. O préstito religioso atravessou as ruas, por entre alas de pessoas, sendo lançadas sôbre o pálio, das janelas dos prédios onde pendiam lindas colgaduras, muitas pétalas de flores.

Visita Pascal

Com a solenidade dos anos anteriores realizou-se em tôdas as freguesias da Cidade e Concelho a Visita Pascal. Desde as primeiras horas da manhã até já tarde da noite ouviram-se constantes salvas de morteiros, anunciando aquela tradição, uma das mais lindas do ano.

Solenidade dos Prazeres

Com a imponência dos anos anteriores realiza-se àmanhã, no templo dos Santos Passos, a festividade anual em honra da Virgem dos Prazeres que promete atingir muito brilhantismo, abrilhantando a o Grupo Sacro do Orfeão de Guimarãis e a Orquestra Vimaranense. Haverá missa cantada às 11 horas e vésperas, sermão por um talentoso orador sacro, *Te-Deum* e bênção do SS.mo às 17 horas.

Senhora da Madre-de-Deus

Nos próximos sábado e domingo realiza-se, como já noticiamos, a festa e Romaria Anual em honra de Nossa Senhora da Madre de Deus havendo solenidade religiosa e arraial abrilhantado por uma banda de música.

Constituição de Sociedade

Por escritura lavrada hoje, pelo notário J. Nunes Campino, desta vila, foi constituída a sociedade por cotas de responsabilidade limitada, entre Custódio de Castro Noval, Alberto Peixoto Soares e José Pereira Leite, constante dos artigos seguintes:

1.º — Esta sociedade adopta a firma Castro, Soares & Companhia, Limitada e tem a sua sede e estabelecimento em Guimarãis.

2.º — O seu objecto é o comércio de fazendas brancas (tecidos de algodão) e de qualquer outro ramo de comércio que, por acôrdo dos sócios, resolva explorar.

3.º — A sua duração é por tempo indeterminado e, para todos os efeitos, o seu começo se contará da data de 1 de Fevereiro próximo.

4.º — O capital social é de 120.100$, em 3 cotas, sendo uma de 60.000$00, subscrita pelo sócio Custódio de Castro Noval, outra de 60.000$00, subscrita pelo sócio Alberto Peixoto Soares e outra de 100$00, subscrita pelo sócio José Pereira Leite, as quais se acham totalmente realizadas em dinheiro.

5.º — Todos os sócios são gerentes e, por isso, todos ficam com direito de usar a firma social, a qual, porém, só será usada em negócios sociais e nunca em negócios ou transacções a ela estranhos, ficando o sócio, que, porventura, assim proceder, responsável pelos prejuízos que de tal acto resultem para a sociedade, e por êles será representada em juízo e fóra dêle.

§ único — Nos documentos que obriguem a sociedade por quantia superior a 5.000$00, será obrigatória a assinatura da firma por um dos sócios e a assinatura individual de outro sócio para que ela fique responsável.

6.º — Os sócios dividirão entre si os encargos da gerência em assembleia de sócios.

7.º — Nenhum sócio por si individualmente, ou como gerente de outra sociedade, poderá exercer o ramo de comércio que é objecto desta sociedade ou qualquer outro que venha a explorar, salvo consentimento dos outros sócios, sob pena de indemnizar a sociedade dos prejuízos que daí lhe resultarem.

8.º — E' proibida a cessão de cotas sem prévio consentimento da sociedade, à qual fica reservado o direito de opção em primeiro lugar e aos outros sócios em segundo lugar.

9.º — O sócio que pretender ceder a sua cota, disso avisará a sociedade e esta, dentro de 30 dias, a contar da data do recebimento do aviso, reünirá em assembleia para resolver se pretende optar e, no caso negativo, os sócios individualmente, e dentro do mesmo prazo avisará o sócio da sua resolução.

§ único — Se o sócio cedente não receber aviso da resolução da sociedade ou dos sócios dentro do prazo designado, poderá livremente ceder a sua cota.

10.º — Todos os anos se dará um balanço que será fechado em 31 de Dezembro e será submetido à apreciação e aprovação dos sócios até trinta e um de Março do ano seguinte.

11.º — Dos lucros líquidos apurados retirar-se-ão cinco por cento para fundo de reserva legal, até que êste atinja metade do capital social, e o restante será dividido em partes iguais por todos os sócios.

12.º — Por conta de despesas gerais cada um dos sócios Custódio de Castro Noval e Alberto Peixoto Soares retirará da caixa social, por mês, até à quantia de 800$0C, e o sócio José Pereira Leite até à quantia de 500$00.

13.º — Os sócios poderão fazer suprimentos à caixa social, quando dêles careça, e estes vencerão o juro de 6 % ao ano.

14.º — O sócio, que quiser saír da sociedade, avisará a sociedade por carta registada, com aviso de recepção, com antecedência, pelo menos, de 6 meses e de forma que a sua saída tenha lugar no fim do ano social, que é o civil.

§ 1.º O sócio receberá o que se apurar pertencer-lhe, pelo último balanço dado no ano anterior ao da sua saída, de capital, de sua cota parte no fundo de reserva e o saldo da sua conta corrente, se o houver.

§ 2.º O pagamento será feito em quatro prestações iguais, acrescidas do juro à taxa do desconto do Banco de Portugal, com vencimento a 12, 15, 18 e 24 meses da data da saída.

15.º — A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer dos sócios, antes continuará com os sócios sobrevivos e com o representante do sócio interdito ou herdeiros do sócio falecido.

§ único — Aos representantes do sócio interdito ou aos herdeiros do sócio falecido será dado conhecimento dos seus direitos sociais dentro de 10 dias, a contar da data da interdição ou do óbito, e dentro de 30 resolverão e participarão, por carta registada, à sociedade, se querem ou não continuar nela. Caso resolvam saír, a saída terá lugar no fim do ano social e o pagamento do que lhes pertencer será feito nos termos do estipulado no § 2.º, do art. 10.º.

16.º — Se os herdeiros do sócio falecido quiserem continuar na sociedade serão nela representados por um de entre êles, enquanto a respectiva cota se achar indivisa ou não adjudicada.

§ único — Fica autorizada a divisão da cota do sócio falecido entre os seus herdeiros.

17.º — As reüniões serão convocadas por meio de cartas registadas, com a antecipação, pelo menos, de 8 dias, salvo nos casos para que a lei exija forma de convocação especial.

18.º — Dissolvida a sociedade por acôrdo dos sócios, ou por qualquer fundamento legal, proceder-se-á á liquidação e partilha, como se deliberar, salvo se algum sócio quiser ficar com o estabelecimento social, isto é, com todo o activo e passivo da sociedade, caso em que lhe será adjudicado pelo valor em que todos convierem. Se, porém, dois ou mais sócios pretenderem o estabelecimento, haverá licitação entre êles e será preferido o que mais vantagens oferecer.

19.º — Que em tudo omisso, regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicável.

Fafe, 27 de Janeiro de 1937.

(310) O Notário,

Joaquim Nunes Campino.

desporto

VITÓRIA, 7 GIL VICENTE, 1

Os locais em declínio de forma...

Serviu o encontro de domingo último, para fazer compreender a razão dos resultados negativos, que o Vitória tem conseguido nos recentes jogos efectuados.

O team local, está presentemente na fase de declínio, depois de ter brilhado na conquista do campionato distrital e conseguir uma esplêndida classificação, no grupo B da 2.ª Liga.

O «Vitória», sofre do mal vulgar nos campos do Desporto, a «surmenage», que atinge alguns dos seus melhores elementos, contribuíndo para a sua descida de forma concludentemente afirmada e verificada. Os efeitos dêsse mal, precocemente denotados nos praticantes de qualquer modalidade desportiva deficientemente preparados, contribuem para que a maior decidida vontade seja fracamente apoiada numa frágil resistência física, diminuíndo-lhes a capacidade de produção e comprometendo os esforços dos companheiros, quando parte integrante dum conjunto, como o futebol.

Na norma actual das competições máximas, onde uma èquipe concorrente tem de suportar dois campionatos seguidos — o regional e o nacional, — o esfôrço a dispender é sumamente elevado e fatigante obrigando para o agüentar, a uma preparação cuidadosa e persistente, a todo aquele jogador, devotado de alma e coração à sua èquipe, e mesmo até, ao orgulho de se elevar, conseguir nome e fama, sem que por falta dessa elementar necessidade primordial se veja obrigado a desistir a meio caminho percorrido, incapaz de mais esforços, cedendo a vanguarda duma disputa difícil a outro menos valoroso e inferior, mas contudo mais robusto e mais forte. A «surmenage» surge também, em conseqüência da vida dissoluta dum atleta, quando abusa de prazeres além do limite próprio, concernente à saúde orgânica de si mesmo. «Nada faz mal pela qualidade, mas sim pela quantidade» diz o vulgo, e êste conceito jàmais deve abandonar a mente, dum praticante do Desporto, principalmente quando do Desporto faz profissão, e tem de cumprir deveres obrigatórios.

Tudo isto é vagamente conhecido e, todos deploram as conseqüências que a má forma origina, mas ninguém indaga com minúcia, as causas anteriores e remotas que impelem um agrupamento ao declínio verificado. Elas são totalmente filhas da ignorância, e daí a Cultura Física, não ter a admiração equivalente ao seu benefício e o jogador profissional, desconhecer os deveres inerentes ao salário recebido. A profissão, obriga a uma prestação de serviços, que o patrão reclama serem perfeitos e satisfatórios.

O jogador tem como utensílio de trabalho o seu físico, obriga-se portanto a adestrá-lo e salvaguardá-lo de tudo que possa impedir a boa regularização da sua actividade, quando chamado a cumprir o seu dever. Quer seja jogador de futebol ou britador de pedra, é obrigado a dar em troca do salário que recebe, o trabalho combinado, de molde a satisfazer, quem esportula a quantia devida. E' na preparação física que o jogador deve procurar o apoio necessário para alcançar a resistência que uma época de futebol exige e é também no evitar de abusos perniciosos, que conseguirá satisfazer as suas obrigações e respeitar a sua vida e a sua saúde.

Foi fraco o desafio Vitória-Gil. O jôgo não agradou pela sua factura nem pela sua qualidade. O Vitória demonstrando mais acentuadamente as dificuldades em traduzir a sua superioridade técnica, chegou ao fim da primeira parte com o resultado indeciso, pelo empate de 1 bola.

As formações do team, intermediária e avançada, imprimiram ao jôgo uma toada vagarosa, embora disfrutassem vantagem que a energia e lepidez do adversário soube disso tirar proveito, opondo uma boa resistência. Na segunda parte melhorou, pelas modificações sofridas no team. Pantaleão a avançado-centro, luta com mais decisão e todo o grupo sofre essa influência, impondo-se e realizando melhor.

Vitória, acusa cansaço e perdeu por isso grande parte da sua qualidade. Clemente, Zeferino e José Maria, são os jogadores em que mais se notam os efeitos de cansaço. Três elementos de valor, plenos ainda das suas características próprias, desajudados porém da rapidez e combatividade que possuíam, o seu valor diminue e a èquipe sente essa diminuíção na sua forma de actuar.

Os barcelenses conseguiram terminar o primeiro tempo com um empate, mas foram incapazes de evitar a derrota por 7 a 1 no tempo seguinte. Certo que, jogaram a maior parte do segundo half-time com 9 homens, em virtude de um ter abandonado o terreno do jôgo magoado e outro ser expulso pelo árbitro em conseqüência da sua incorrecção, mesmo sem êste precalço, o Vitória seria incontestávelmente o vencedor. O Gil com a desvantagem do seu pouco pêso, não oporia grandes entraves à modificação que o grupo adversário sofreu na segunda parte, melhorando quanto à rapidez e combatividade. Os visitantes a não ser a sua energia, nada mais demonstraram. O jogador mais saliente do team é o guarda-redes.

Teve êste encontro dois árbitros! O primeiro, sr. Ribeiro Novo, tentou fazer bom trabalho mas as circunstâncias foram-lhe contrárias. A assinalação do penalty contra o Vitória pareceu duvidoso à assistência e foi portanto mal recebido. Alberto Augusto, obrigado a arbitrar a segunda parte, teve dificuldades em fazer uma arbitragem boa, pelos incidentes que surgiram.

Os árbitros estão sendo mal compreendidos por jogadores e assistência, o que representa um grave mal.

Almeida Ferreira.

Boletim da Direcção Geral do Comércio

Acaba de ser publicado em fascículo extraordinário do Boletim da Direcção Geral do Comércio, um estudo do regime económico-jurídico da produção e comércio dos azeites nacionais, da autoria do sr. dr. Francisco de Almeida Carmo e Cunha.

O trabalho é completado com uma nota sôbre congressos oleícolas, com uma valiosa colectânea de legislação portuguesa e estranjeira e com indicações bibliográficas.

Também foram publicados, em número extraordinário do Boletim, os principais diplomas legislativos de 1936 sôbre organização corporativa do Comércio e Indústria, referentes a vinhos do Pôrto, vinhos comuns, azeites, cortiça e frutas.

O folheto é valioso, por útil e oportuno.

As exportações de Angola

O ano de 1936 foi para a vida económica de Angola particularmente favorável pelo desenvolvimento de algumas das suas actividades. Segundo números publicados pela Junta de Defesa da Produção e Comércio daquela província, a produção aumentou sensìvelmente, e bem assim a exportação da maioria dos produtos.

O seguinte quadro, ainda que sujeito a ligeiras alterações, é suficientemente elucidativo quanto ao acréscimo de exportações:

PRODUTOS	TONELADAS 1936	TONELADAS 1935
Milho	114.883	46.193
Café	19.250	10.277
Resíduos de café	2.291	1.392
Arroz	1.017	434
Feijão	4.902	3.785
Cera	1.307	1.059
Coiros	920	698
Gado Bovino	1.971	2.140
Farinhas de Peixe	5.955	3.059
Oleos de peixe	514	192
Peixe sêco	5.588	7.071

Dos onze produtos mencionados apenas se exportaram, em menor quantidade do que em 1935, o peixe sêco e o gado bovino; os restantes nove produtos apresentam-se com uma margem favorável interessante e prometedora.

Convém saber que ainda ficaram, para exportar êste ano, 23 mil toneladas de milho e cêrca de duas mil e quinhentas de café de segunda; e êste facto, mormente para o primeiro produto, tem importância capital, pois reduz extraordinàriamente a influência dos saldos sobejados da produção de 1935 e saídos no ano que acaba de findar. Com efeito, àcêrca do cereal referido, sabe-se que saíram 46 mil toneladas em 1935, tendo sobrado 43 mil para 1936, como o ano passado a exportação foi de 114 toneladas e deixaram de sair 23 mil, que ficaram para 1937, vê-se que as disponibilidades para exportação em 1936, atingiram a cifra de 89 mil toneladas, e as de 1936 cêrca de 94 mil, número êste nunca atingido.

O jornal "A Província de Angola" de cujo número de 3 de Fevereiro extraímos estas notas, conclui desta maneira os seus comentários:

"Concretizando: foi muito bom o ano de 1936; e se os produtos coloniais continuarem a registar cotações remuneradoras, é óbvio que o ano de 1937, será uma continuação feliz da marcha reabilitadora encetada por aquêle, dentro duma actuação mais rigorosa e isenta de arestas prejudiciais. No meio do ambiente refractário produzido pela insignificância do crédito e pelo nível de vida demasiadamente baixo, os resultados obtidos falam ilucidativamente da tenacidade invencível dos colonos e da intervenção oportuna e incitadora da actividade oficial, que nos não devemos cansar de elogiar".

OUÇAM TODOS BEM

A guerra da Espanha é uma tremenda calamidade, em que se defende, dum lado a Ideia infinita de Deus, a Ideia da Pátria, a da Família, a da Civilização até hoje criada pelos homens e, do outro lado, pretende-se arrasar e destruir tudo, acabar com Deus, com a Pátria, com a própria Família, onde todos nós achamos o maior amparo e maior alento para sofrer as amarguras da vida, pois a vida há-de ter sempre, sempre, amarguras e alegrias.

Os comunistas querem destruir a Família, acabar com a dignidade do Homem e da Mulher, querem que esta, em vez de Rainha do Lar e Mãi amantíssima dos Filhos, passe a não ser mais do que um simples animal de criação, distribuida às horas a quem toca, segundo um regulamento infame — que até já foi alterado, dêsse programa inicial, publicado há alguns anos em jornais de Paris — sendo as crias entregues ao estado, sem que o Amor as Abençôe. E nem sequer um Pai poderá jàmais apertar ao coração e beijar com tôda a sua ternura a face querida dum filho, pois não se saberá de quem são. — Hedionda ignominia, pior que a vida das féras!

Essa horda feroz e selvagem, que subverteu a Rússia, quer envenenar o Mundo, com promessas mentirosas de felicidade que é impossível, pois na Rússia quási metade dos homens andam no serviço militar, obrigatório e severo, e outra metade anda obrigada à fôrça a trabalhar, indo-se até à pena de morte para forçar ao trabalhar. Nem o trabalho, pois, é livre, havendo um só patrão, sem escolha, sem poder reclamar e sem esperança de juntar e possuir o prémio do trabalho — a propriedade.

A promessa de que haverá tudo sem trabalho é um engano às almas simples.

Não: — E' nova e pior escravidão, em vez da felicidade prometida.

O antigo comunista Doriot, hoje *maire* ou administrador de St. Denis, arrabalde de Paris, foi visitar a Rússia e voltou tam enojado e apavorado do que lá viu, que empreendeu uma campanha a mais heróica e destemida contra tal calamidade e tem já cêrca de cem mil legionários à voz do seu comando, para defender a sua Pátria contra o vilipêndio humano do comunismo.

CASA SALGADO

GRANDES SALDOS DE TECIDOS DE ALGODÃO

Tais como:

LAINETTE de FANTASIA a 6$00
TOBRALCOS a 9$50
STRONGEX, borboto e risca a 5$00
EPONGETTE, xadrês e risca a 5$00
MARROCAN em côres lisas a 6$00
TECIDO em xadrês, cores da MODA a 4$50
TECIDO com pintinha a 4$00
TECIDO TOILL em côres lisas a 3$50
OPALINES para roupa interior desde 2$50

ATENÇÃO:

Vossas Excelências não façam as suas compras sem ver o nosso sortido e PREÇOS.

(290)

Rua de Santo António (Junto ao Banco de Portugal) — CASA SALGADO GUIMARÃIS

V. Ex.ª quer deixar um subsídio a sua espôsa ou a seus filhos?

Faça um seguro na LUTUOSA DE PORTUGAL, que tanto pode ser de marido ou espôsa, como dos dois.

Sócio correspondente em — GUIMARÃIS — (275)

ANTONIO DA SILVA

Rua de S. Dâmaso, 89

Casa em S. Torcato

Aluga-se a Casa do Gaiteiro, em S. Torcato, magnificamente situada, com estrada à porta, água e luz. Renda mensal, 100$00.

Na redacção informa-se. (284)

Acarinhar Guimarãis é dever de todos os seus filhos.

Cultura da Batata

As bôas produções só se conseguem quando se emprega o adubo «Nitrophoska» da

Sociedade de Anilinas, L.da

Secção Agrícola

Rua de José Falcão, 199 — PORTO

DEPÓSITO EM GUIMARÃIS: (299)

Figueiredo, Pinto & C.ª

CASA FERRO

Rua da República — à Porta da Vila — GUIMARÃIS.

*

O exército nacionalista espanhol tem arrancado palmo a palmo, das mãos dêsse govêrno semi-comunista, a Nação ensangüentada e aos pedaços para lhe salvar o seu alto destino, conservando-lhe Deus, a Pátria e a Família.

Por isso os Portugueses lhe devem ser agradecidos e é um dever sagrado prestar-lhe todo o socorro e auxílio.

Eles dão a vida, aos milhares, para defesa também nossa, livrando-nos de ir ao combate: Não é muito que enviemos pão e agasalho, para combaterem sob os terríveis sofrimentos da guerra e com a tortura da neve.

Ergamos todos o pensamento e o coração, nesta hora alucinada de desvairo e loucura humana!

Em vez do santo amor, puríssimo, das Mãis
Ordena essa moral, ainda abaixo dos cãis,
Fazer na Passionaria, em vez d'homens, chacais,
Nascidos ao calor de beijos infernais.
O comunismo é bem um lupanar enorme
Aonde a consciência embriagada dorme!
Apertai mais ao peito, oh Mãis de Portugal,
Vossos filhos, ao vêr uma torpesa igual!

Defendamos a Pátria e a Família, defendamos a honra das nossas Mãis e a honra das nossas Filhas!

Feira, 4 de Dezembro de 1936.

Dr. Crispim Borges de Castro

Banco de Barcelos

Fundado em 1875

Agência de Guimarãis

Largo do Toural

(Instalações da antiga Secção Bancária da firma SOUSA JÚNIOR, SUCRS.)

Depósito à Ordem e a Praso, Descontos, Transferências, Saques, Compra e Venda de Papeis de Crédito e Cupões, Cobrança de Juros e de Dividendos.

(219)

Tôdas as operações bancárias permitidas por lei.

TELEFONES { BARCELOS N.º 31 / GUIMARÃIS " 60

RESTAURANTE COSTA

Alfredo da Costa e Silva Guimarãis

PENHA — TELEFONE, 114 — GUIMARÃIS

Almoços Jantares

Serviço à lista Preços módicos

(229)

ESPECIALIDADE EM VINHOS DA REGIÃO

AGRICULTORES

Empregai na Cultura da Batata

NIPHOKALIUM-B.

ADUBO CONCENTRADO

Pedidos ao Agente e Depositário da

(307) **SOCIEDADE ADUBOS NORTE, L.DA**

João de Freitas Torres Brandão

Rua de S. Dâmaso, 65 — GUIMARÃIS.

O bem, o progresso, a defesa dos supremos interêsses do bairro constituem necessàriamente a base dessa religião que todos devemos ter, o bairrismo, e que devemos professar com tôda a devoção, com todo o carinho, com tôda a abnegação.

RELOGIOS ou JOIAS ao alcance de todos

Quereis por 5$00 adquirir um magnífico relógio ou uma linda joia para homem e senhora?

Inscrevai-vos, já, nas VENDAS A PRESTAÇÕES SEMANAIS COM BONUS, na Ourivesaria SOUSA. (300)

E' a casa que sempre melhor sortido tem e a que mais barato vende, para o que tem oficinas próprias.

JOSÉ PINTO RODRIGUES

ADVOGADO

(no escritório do Ex.mo Sr. Dr. António do Amaral)

Das 11 ás 13 e das 14 ás 17 horas.

Tôrno Mecânico

Precisa-se de um com o comprimento de 2 a 3 metros. Informa-se na Redacção dêste jornal. (277)

CASA

Aluga-se no Campo do Salvador (Cano).

Bem situada. Bôas divisões. Renda, 150$00.

Tratar com José André. (269)

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

A BRASILEIRA

Casa especial de café do Brasil e Pastelaria

61, Rua de Sá da Bandeira, 91

Telefones 379 e 405

PORTO

Vende-o em Guimarãis:

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

(216) Praça D. Afonso Henriques, 70